

## **A crise de meninos e homens**

**Estatisticamente, os rapazes estão hoje em uma situação bem pior do que estavam há 40 anos**

**Ana Maria Diniz**

**Valor, 29/05/2023**

---

“Ah, eles são meninos, meninos são assim mesmo”. Essa frase vem sendo usada há séculos como justificativa do comportamento inadequado dos garotos (e de rapazes e homens mais velhos), como se isso fosse uma consequência inevitável de seu gênero. A ideia cristalizada na sociedade de que certos aspectos da masculinidade, como a insensibilidade, a agressividade, a truculência, a beligerância, entres outros, são normais e que é comum expressá-los, desde que não impliquem em danos graves e estejam de acordo com a lei, está arraigada em nós. É bem provável que essa visão estereotipada do que é ser homem esteja obsoleta e não faça mais sentido, basta parar para observar.

Alguns mais atentos estudiosos da atualidade já vêm pensando e escrevendo sobre isso. Vários livros lançados nos últimos anos se aprofundaram na questão, como “The War Against Boys” e “The Boy Crisis”. No entanto, ainda estamos longe de entender as nuances do problema. Em “Of Boys and Men: Why the Modern Male is Struggling, Why It Matters, and What”, o inglês Richard V. Reeves, pesquisador do Brookings Institute em desigualdade e mobilidade social, avança um pouco mais nessa direção.

Para Reeves, a crise dos meninos, mais do que tudo, é resultado da mudança dos meios de produção. A economia informacional e global estabeleceu uma nova divisão mundial do trabalho. Com isso, muitos dos empregos que definiam o que significava ser homem e que serviam de elevador social para se ter uma vida de classe média, na qual os homens tinham um papel social e o seu valor, desapareceram muito rápido, em 30, 40 anos. Ao mesmo tempo, novas portas se abriram para as mulheres. A partir da década de 1970, as mulheres casadas começaram um verdadeiro êxodo do lar para os escritórios. As universidades se renderam totalmente a elas, permitindo que ingressassem em profissões antes exclusivas dos homens. E assim foi, até chegarmos aqui. O problema é que enquanto as mulheres ganhavam mais espaço, mais poder e discutiam a fundo a feminilidade e suas possibilidades, os homens não discutiram nada e continuaram assumindo que tudo continuaria igual. Assim, perderam territórios e relevância. Dessa forma, lenta e silenciosamente, os meninos e os homens desequilibraram a balança da desigualdade entre gêneros e hoje representam o lado mais vulnerável de uma equação social em transformação.

Afinal, o que os homens querem? O que significa ser homem hoje? E os meninos, o que eles imaginam que se espera deles? Em quem eles se inspiram? Essa observação mais atenta dos dilemas e da atuação masculina mostra que eles podem não fazer a mínima ideia de como responder essas perguntas, pois estão à deriva. A velha masculinidade expressa pela força corporal e pelo modelo de macho provedor está muito ameaçada.

A ausência de respostas expõe o quanto os garotos estão desprovidos de um “roteiro” social legítimo e viável que sirva de fio condutor para que eles possam seguir em frente em suas jornadas, sabendo quais papéis desempenhar e como atuar para se saírem bem no teatro da vida. Esta é a “crise dos meninos”, um problema multifatorial e complexo que, se for não enfrentado com abertura e compaixão, pode ser muito destrutivo para a sociedade.

A compilação de anos de pesquisas comprova o que se suspeitava: os meninos e os homens estão sofrendo e sendo empurrados para o final da fila das oportunidades. Estatisticamente, os rapazes estão hoje em uma situação bem pior do que estavam há 40 anos. As meninas já os superaram na educação, no trabalho, na vida familiar. Os números expõem a situação. Jovens do sexo masculino cometem suicídio cinco vezes mais do que mulheres da mesma idade. Isso significa, na média global, uma diferença três vezes maior entre os dois gêneros do que a registrada na primeira metade do século 20. Mais de 90% dos autores de massacres nas escolas são homens. Eles também estão mais solitários: hoje, 15% dos homens americanos não têm amigos, ante 3% em 1999.

Na educação, os dados são estarrecedores. Eles têm hoje 50% menos chance do que as meninas de adquirir proficiência em leitura, matemática e ciências. Numa pesquisa da Unesco feita em 146 países, os meninos estão mais sujeitos a repetir as séries iniciais em 130 deles. Da década de 70 para cá, houve um incremento de sete vezes no número de mulheres matriculadas no ensino superior, já a participação masculina aumentou quatro vezes. Hoje cerca de 20% mais mulheres do que homens estão cursando uma faculdade no mundo. Nos 38 países da OCDE, elas detêm a maioria dos diplomas. Na família, os homens estão cada vez mais deslocados: um em cada cinco não mora com os filhos. Eles respondem por 75% das “mortes de desespero”, causadas por alcoolismo, overdose ou suicídio.

A crise dos meninos e dos homens está se escancarando em nossa sociedade, é tão grave que virou assunto de Estado. Nos Estados Unidos, um projeto de lei bipartidário para criar uma “Comissão Meninos e Homens” foi aprovado pela assembleia legislativa de Washington. No Japão, os chamados “hikikomori”, cerca de um milhão e meio de pessoas, majoritariamente homens jovens, que vivem em reclusão quase absoluta, se tornaram uma preocupação nacional. As mulheres avançaram de forma extraordinária nos últimos 50 anos. Mas ainda há um longo caminho a trilhar. Segundo o último Relatório Global de Desigualdade de Gênero, do Fórum Econômico Mundial, serão necessários

132 anos para que homens e mulheres estejam em condições de igualdade. Mas, em alguns aspectos e certamente do lado psicológico, a desigualdade parece estar ao contrário, a favor das mulheres. Não é por isso que devemos fechar os olhos para os problemas dos meninos e dos homens. A vida deles está bem mais difícil do que deveria e podemos ajudá-los.

**Ana Maria Diniz é fundadora do Instituto Península, que atua na formação de professores; empresária e conselheira do Todos pela Educação e Parceiros pela Educação**